



POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS
COMANDO DA ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR
DIRETORIA DE ENSINO E PESQUISA
ESPECIALIZAÇÃO EM POLÍCIA E SEGURANÇA PÚBLICA



VICTOR PHILLIP HOLANDA JORDÃO

**A SENSÇÃO DE SEGURANÇA E MEDO DO CRIME DA POPULAÇÃO DE CIDADE
OCIDENTAL-GOIÁS**

GOIÂNIA-GO

2025

VICTOR PHILLIP HOLANDA JORDÃO

**A SENSÇÃO DE SEGURANÇA E MEDO DO CRIME DA POPULAÇÃO DE CIDADE
OCIDENTAL-GOIÁS**

Artigo Científico apresentado como exigência para conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso da Pós-Graduação em Polícia e Segurança Pública pelo Comando da Academia de Polícia Militar de Goiás, sob a orientação do Prof. Ulisses Leonardo Godinho Severiano da Silva.

GOIÂNIA-GO

2025

A SENSÇÃO DE SEGURANÇA E MEDO DO CRIME DA POPULAÇÃO DE CIDADE OCIDENTAL-GOIÁS

THE SENSE OF SECURITY AND FEAR OF CRIME OF THE POPULATION OF CIDADE OCIDENTAL-GOIÁS

Victor Phillip Holanda Jordão¹
Ulisses Leonardo Godinho Severiano da Silva²

Resumo

A sensação de segurança e o medo do crime são fenômenos que influenciam diretamente a qualidade de vida da população e a percepção da eficácia das ações de segurança pública. Este estudo teve como objetivo analisar os fatores que determinam a sensação de segurança e o medo do crime entre os moradores de Cidade Ocidental-Goiás, considerando a relação com experiências de vitimização e características sociodemográficas. Utilizou-se abordagem quantitativa por meio de questionários aplicados a 73 participantes, com análise estatística descritiva e correlações entre variáveis demográficas, percepção de segurança, medo e vitimização. Os resultados indicam predominância de sentimentos de insegurança, especialmente entre mulheres e moradores de determinadas faixas etárias, com a presença ostensiva da polícia influenciando positivamente a sensação de segurança. A vitimização prévia revelou-se importante fator para o aumento do medo do crime, impactando rotinas e promovendo evitamento de espaços públicos. A análise ressalta a necessidade de estratégias policiais integradas que considerem as especificidades locais e estimulem o fortalecimento dos vínculos entre polícia e comunidade, contribuindo para a mitigação do medo e o aumento da legitimidade institucional.

Palavras-chave: Sensação de Segurança; Medo do Crime; Vitimização; Polícia Militar; Percepção Social.

Abstract

The sense of security and fear of crime are phenomena that directly impact the quality of life of the population and the perception of the effectiveness of public security efforts. This study aimed to analyze the factors influencing the sense of security and fear of crime among residents of Cidade Ocidental-Goiás, considering the relationship with victimization experiences and sociodemographic characteristics. A quantitative approach was employed through questionnaires applied to 73 participants, with descriptive statistical analysis and correlations among demographic variables, perception of security, fear, and victimization. Results indicate a predominance of insecurity feelings, especially among women and certain age groups, with police visibility positively influencing the sense of security. Previous victimization was an important factor increasing fear of crime, affecting daily routines and leading to avoidance of public spaces. The analysis highlights the need for integrated policing strategies that consider local specificities and enhance police-community relations, contributing to fear reduction and institutional legitimacy.

Keywords: Sense of Security; Fear of Crime; Victimization; Military Police; Social Perception.

¹ Aluno do Curso de Formação de Praças – 1ª Turma/2025, Especialização em Polícia e Segurança Pública do Comando da Academia de Polícia Militar de Goiás. Email: victorphj@gmail.com Telefone: 61984872267

² Orientador. Professor da Especialização em Polícia e Segurança Pública do Comando da Academia de Polícia Militar. Bacharel em Direito, Especialista em Gestão de Polícia Ostensiva. E-mail: ulisses.godinho93@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A sensação de segurança e o medo do crime são fenômenos sociais que influenciam diretamente a qualidade de vida da população e a percepção de ordem pública. De acordo com o artigo 144 da Constituição Federal de 1988, cabe às Polícias Militares a responsabilidade pela promoção da segurança pública, o que inclui não apenas a repressão ao crime, mas também a garantia de um ambiente em que o cidadão se sinta protegido. Esses fenômenos são moldados por fatores individuais, como experiências de vitimização, e contextuais, como as condições socioeconômicas dos bairros, influenciando a confiança na atuação policial.

Em Cidade Ocidental, município goiano integrado à região metropolitana de Brasília, os índices de criminalidade e a percepção de insegurança demandam uma análise contextualizada. Cardoso et al. (2013) destacam que características demográficas, como idade e gênero, e experiências de vitimização prévia moldam a sensação de segurança. Silva e Beato Filho (2013) complementam que o contexto de bairro, incluindo desigualdades socioeconômicas, também condiciona o medo do crime, configurando um desafio para as estratégias policiais.

A análise das percepções da população de Cidade Ocidental, em conformidade com o Sistema Único de Segurança Pública (Lei nº 13.675/2018), contribui para a formulação de estratégias policiais que atendam às demandas comunitárias, promovendo a legitimidade da Polícia Militar de Goiás (PMGO). Este estudo examina a sensação de segurança e o medo do crime entre os moradores do município, sob a perspectiva da linha de pesquisa sobre vitimização, medo do crime e sensação de segurança, visando compreender os fatores que influenciam essas percepções e sua relação com experiências de vitimização.

O problema de pesquisa é formulado da seguinte maneira: quais são os fatores que influenciam a sensação de segurança e o medo do crime entre a população de Cidade Ocidental-Goiás, e como as experiências de vitimização se relacionam com essas percepções? A questão reflete a necessidade de identificar os determinantes dessas percepções e avaliar sua interação com a atuação policial, considerando o contexto local do município.

A relevância do estudo fundamenta-se na necessidade de compreender, sob o enfoque técnico-jurídico, os fatores que moldam a sensação de segurança e o medo do crime em Cidade Ocidental, considerando seu impacto na percepção da segurança pública. A escolha do município de

Cidade Ocidental justifica-se por sua inserção na Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE), área historicamente marcada por elevadas taxas de violência, com o Entorno do DF figurando entre as regiões mais violentas do país, conforme indicadores de homicídios que revelam um aumento significativo na década de 1990 nas maiores regiões metropolitanas, incluindo o Distrito Federal e Entorno (BRASIL, [s.d.], p. 9), permitindo uma análise aprofundada das percepções de segurança em contextos de alta vulnerabilidade urbana e desigualdades socioeconômicas. Ademais, o fato de ser a localidade de residência do autor facilita o acesso à comunidade e o entendimento das dinâmicas locais, enriquecendo a investigação com observações diretas sobre os impactos da proximidade com Brasília na ordem pública.

A investigação das experiências de vitimização e das percepções da população possibilita avaliar a eficácia das ações da PMGO, promovendo reflexões sobre a interação entre polícia e comunidade. O estudo pode orientar a formulação de políticas públicas e estratégias operacionais que fortaleçam a segurança comunitária, conforme defendido por Zaluar (2019). Além disso, a pesquisa contribui para aumentar a confiança na atuação policial, promovendo maior legitimidade institucional.

O objetivo geral da pesquisa é analisar a sensação de segurança e o medo do crime da população de Cidade Ocidental-Goiás. A pesquisa busca identificar os níveis de sensação de segurança e medo do crime entre os moradores, conforme dados coletados, avaliar a relação entre experiências de vitimização e a percepção de segurança, examinar os fatores demográficos e contextuais que influenciam essas percepções e levantar informações para corroborar a formulação de políticas públicas voltadas à segurança comunitária.

A metodologia adota uma abordagem quantitativa, com coleta de dados por meio de questionários estruturados distribuídos via WhatsApp, utilizando o Google Forms, com apoio da associação local de moradores. A amostragem visa alcançar pelo menos 100 respostas, abrangendo diferentes faixas etárias, gêneros e grupos sociais, para evitar viés e garantir representatividade. Os dados serão analisados por meio de estatísticas descritivas e correlações, interpretados à luz da literatura sobre segurança pública.

2 REVISÃO TEÓRICA

2.1 CONCEITOS DE SENSAÇÃO DE SEGURANÇA E MEDO DO CRIME

A sensação de segurança e o medo do crime configuram fenômenos sociais que interferem na dinâmica entre indivíduos e estruturas de segurança pública, conforme delineado por Dantas, Persijn e Júnior (2007), que conceituam o medo do crime como reação afetiva à antecipação de riscos de vitimização, modulada por elementos como a difusão de relatos violentos na mídia, trajetórias pessoais de exposição à criminalidade e configurações socioambientais. Essa conceituação revela que o medo opera como mecanismo adaptativo que, em cenários de segurança pública, pode gerar retração social e sobrecarga em recursos policiais, demandando intervenções preventivas que atuem na modulação de percepções midiáticas.

Essa definição implica que o medo transcende o receio pontual de delitos como assaltos ou agressões físicas, abrangendo uma insegurança difusa que modifica padrões comportamentais, a exemplo da restrição a deslocamentos noturnos, o que Zaluar (2019) aprofunda ao examinar como narrativas coletivas, particularmente as veiculadas pela imprensa, exacerbam a visão de ameaça em ambientes de criminalidade moderada, fomentando um ciclo de isolamento social e desconfiança institucional. A análise demonstra que, no âmbito da ordem pública, tais narrativas requerem estratégias de comunicação policial que contraponham desinformação, promovendo narrativas baseadas em dados operacionais para restaurar equilíbrio perceptivo.

A sensação de segurança, em contraposição, expressa a convicção na efetividade da tutela estatal, com ênfase nas polícias militares, nos termos do artigo 144 da Constituição Federal de 1988. Bittner (2003) elucida que a atividade policial ostensiva contribui para atenuar inseguranças ao assegurar a visibilidade das forças de ordem em domínios públicos, promovendo não apenas dissuasão criminal, mas também a consolidação de uma percepção de controle ambiental. O autor evidencia que, em práticas de policiamento, a visibilidade não se resume a presença física, mas envolve integração comunitária para legitimar ações, o que na segurança pública brasileira implica em protocolos que equilibrem ostensividade com engajamento local.

Essa sensação opera como métrica da validade institucional, capturando o grau de crença na aptidão policial para inibir e conter infrações, conforme Cardoso et al. (2013) argumentam que variáveis como o calibre das interações cidadão-polícia, a ostensividade do monitoramento territorial e a avaliação da produtividade operacional moldam essa confiança, revelando que abordagens respeitadas e preventivas elevam a legitimidade da ação estatal. Os argumentos indicam que, no contexto de forças militares, a qualidade interacional exige treinamentos em direitos

humanos para mitigar barreiras perceptivas, alinhando operações à preservação da ordem democrática.

A interconexão entre sensação de segurança e medo do crime manifesta-se de modo recíproco, como Natal e Oliveira (2021) descrevem que elevações em indicadores de criminalidade violenta acentuam o medo, conseqüentemente erodindo a sensação de proteção. Em cenários metropolitanos, a exemplo do Distrito Federal analisado por Costa e Durante (2019), a insegurança agrava-se pela proximidade com zonas de alta incidência delitiva, onde a percepção de insuficiência policial prevalece, e o medo extrapola vitimização direta para incorporar influências indiretas como boatos e testemunhos de violência.

Costa e Durante (2019) destacam que, em políticas de segurança urbana, essa agravante requer mapeamentos georreferenciados para otimizar alocação de recursos, adaptando patrulhamentos a padrões de percepção coletiva. Oliveira et al. (2018) corroboram essa visão ao associar a geração de medo à degradação urbana contemporânea e à propagação de dados criminais, que intensificam a noção de caos ambiental. Os autores apontam que, na gestão de segurança, a precariedade urbana demanda intervenções intersetoriais, integrando policiamento com urbanismo para desconstruir ciclos de desordem percebida.

A intervenção policial assume posição pivotal na atenuação do medo e na reforço da sensação de segurança, com Aquino e Jesus (2024) examinando práticas de policiamento comunitário, incluindo patrulhas visíveis e iniciativas educativas, que visam estreitar laços com a população, e Zaluar (2019) defende que tais medidas ganham eficácia ao aliar presença coercitiva a intercâmbios dialógicos, gerando reciprocidade de confiança. A análise de Aquino e Jesus (2024) sugere que, em estruturas militares, o policiamento comunitário beneficia-se de protocolos que priorizem feedback populacional, ajustando táticas para contextos específicos de vulnerabilidade.

Cardoso et al. (2013) notam que contatos afirmativos com a polícia, marcados por cortesia e proatividade preventiva, potencializam a sensação de amparo, ao passo que incidentes negativos, como excessos autoritários, agravam o medo, enquanto a bibliografia registra variações na aplicação dessas táticas, com Costa e Durante (2019) apontando que em territórios de desigualdade acentuada, a conquista de segurança revela-se árdua pela persistência de ceticismo institucional, apesar de incrementos no monitoramento. Essa variação impõe à segurança pública avaliações periódicas de impacto, incorporando métricas de confiança para refinar implementações em áreas desiguais.

As conceituações de medo do crime divergem entre autores: Dantas, Persijn e Júnior (2007) privilegiam sua faceta afetiva ligada ao pavor de vitimização, Guedes (2012) investiga impactos de características pessoais e afetos crônicos como ansiedade na insegurança percebida, e Natal e Oliveira (2021) advogam por uma ótica multifacetada que conjuga dimensões emocionais, societárias e territoriais. Guedes revela que, em estudos de segurança, traços disposicionais exigem abordagens personalizadas em programas preventivos, integrando psicologia à operação policial.

Tal heterogeneidade requer que as práticas policiais se adaptem a particularidades locais, conforme Saboia e Costa (2024) preconizam a quantificação rigorosa da sensação de segurança para direcionar operações, com a literatura concordando na importância desses constructos para políticas públicas, embora difira na ênfase entre aspectos afetivos e sistêmicos, demandando integrações que abranjam dissuasão, contenção e engajamento societal. Saboia e Costa enfatizam que, na planejamento operacional, a mensuração orienta alocações recursos, priorizando dados empíricos para eficácia em cenários variáveis.

A quantificação do medo do crime e da sensação de segurança constitui obstáculo conceitual e procedimental, com Saboia e Costa (2024) sugerindo escalas uniformizadas que ponderem elementos como regularidade de apreensões criminais e fé em estruturas estatais. Essa sugestão implica em metodologias que, na segurança pública, combinem surveys quantitativos com análises qualitativas para capturar nuances perceptivas.

Cardoso et al. (2013) recomendam que a medição englobe métricas de vitimização e ambientação social para delinear tendências que guiem intervenções policiais, e Oliveira et al. (2018) advertem que a origem do medo vincula-se à visão de desarranjo urbano, como vias obscuras ou áreas públicas deterioradas, postulando ações que transcendam o policiamento para englobar requalificações ambientais. Oliveira et al. (2018) indicam que, em políticas integradas, a desordem percebida necessita de parcerias interinstitucionais para mitigar impactos na confiança pública.

A sensação de segurança e o medo do crime emergem como indicadores interligados da efetividade da ordem pública, onde o medo, como reação afetiva e social, compromete a mobilidade urbana e a coesão comunitária, enquanto a sensação de proteção reflete a capacidade estatal de fomentar ambientes controlados. Na prática da segurança pública, esses conceitos demandam estratégias que equilibrem repressão com prevenção comunitária, adaptando-se a contextos locais para reduzir discrepâncias perceptivas e fortalecer a legitimidade policial.

2.2 FATORES INDIVIDUAIS E CONTEXTUAIS NA PERCEPÇÃO DE SEGURANÇA

Os determinantes da sensação de segurança e do medo do crime englobam variáveis pessoais e ambientais que se entrelaçam de maneira intrincada na esfera da segurança pública. Guedes (2012) postula que atributos individuais, como sexo, faixa etária e histórico de vitimização, exercem influência marcante na insegurança percebida, com mulheres e idosos manifestando receios mais intensos em virtude de vulnerabilidades físicas e societárias acentuadas. O autor demonstra que, em análises de segurança pública, esses atributos requerem estratégias diferenciadas de policiamento, adaptando patrulhas para grupos de maior exposição perceptual, a fim de mitigar disparidades na confiança institucional.

Cardoso et al. (2013) endossam que a vitimização anterior, a exemplo de roubos ou furtos, potencializa o medo do crime, instaurando um padrão cíclico de desconfiança em estruturas policiais, o que se revela especialmente proeminente em ambientes urbanos de recorrência delitiva, conforme Natal e Oliveira (2021). No planejamento de ordem pública, essa ciclicidade demanda programas de suporte pós-vitimização para romper padrões de retração social, integrando apoio psicológico a ações repressivas.

As trajetórias de vitimização exercem efeito imediato na visão de proteção, com Silva e Beato Filho (2013) explorando a ecologia social do medo, onde sujeitos expostos a delitos violentos inclinam-se a esquivar-se de espaços coletivos e a questionar a proficiência policial. Pereira e Costa (2023) afirmam que tal exposição não só agrava o medo, mas erode a sensação de amparo, notadamente quando a intervenção policial é julgada deficiente.

Santos e Júnior (2024) adicionam que, em zonas metropolitanas, a reiteração de vitimizações produz impacto acumulativo, solidificando condutas evasivas como abstenção de saídas noturnas ou de frequentar localidades específicas. Em operações de segurança urbana, esse acúmulo impõe monitoramentos longitudinais para identificar padrões vitimizantes, ajustando táticas preventivas a trajetórias comunitárias.

Os elementos ambientais, incluindo condições econômicas e estrutura física, configuram a percepção de segurança. Silva e Beato Filho (2013) defendem que bairros com desigualdades pronunciadas e deficiências urbanas, como ausência de iluminação e deterioração de espaços comuns, exacerbam o medo do crime. Ali, Jesus e Ramos (2020) salientam que áreas públicas mal preservadas, como parques e vias, emergem como zonas de risco percebido, fomentando

insegurança. Oliveira et al. (2018) corroboram que a desorganização urbana, manifestada por acúmulo de resíduos ou abandono de territórios coletivos, magnifica a noção de anarquia societal, prejudicando a fé em órgãos estatais. Na gestão de segurança pública, essa desorganização necessita de intervenções ambientais coordenadas, alinhando policiamento a reformas urbanas para restaurar percepções de controle territorial.

Essa perspectiva alinha-se à teoria das janelas quebradas, proposta por Kelling e Wilson(1982), que postula que indícios visíveis de desordem, como vidraças danificadas ou pichações não removidas, sinalizam negligência institucional e incentivam escaladas criminosas, ampliando o medo coletivo ao criar ambientes de aparente impunidade. Em práticas policiais, a correção imediata de pequenas infrações preserva a ordem, reduzindo percepções de vulnerabilidade em contextos urbanos degradados.

A articulação entre determinantes pessoais e ambientais constitui eixo central na bibliografia, com Natal e Oliveira (2021) notando que, em metrópoles como São Paulo, a fusão de vitimização anterior com condições precárias de vizinhança culmina em elevados índices de medo. Costa e Durante (2019) observam que, em regiões periféricas, a adjacência a áreas de criminalidade elevada potencializa a visão de perigo, inclusive para indivíduos sem histórico direto de vítimas.

Pereira e Costa (2023) propõem que o padrão das interações policiais atenua tais efeitos, particularmente quando vistas como inclusivas e equânimes. Aquino e Jesus (2024) enfatizam que ações comunitárias, como seminários e vigilâncias proativas, robustecem a sensação de proteção ao estreitar vínculos entre forças de ordem e residentes. Em estruturas de segurança, esses programas beneficiam-se de avaliações participativas para adaptar intervenções a interseções entre variáveis individuais e contextuais, promovendo resiliência coletiva.

A elaboração de diretrizes estatais revela-se necessária para confrontar o medo do crime e consolidar a sensação de segurança, com Zaluar (2019) advogando pela fusão de operações policiais com projetos societários, como foros de defesa e esquemas instrutivos. Saboia e Costa (2024) recomendam que a quantificação da sensação de segurança direcione a organização tática, valendo-se de informações sobre vitimização e ambientação societal. Ali, Jesus e Ramos (2020) preconizam aportes em estrutura física urbana, como luminárias e conservação de territórios comuns, que suplementam as medidas policiais ao minorar a visão de caos.

A doutrina concorda na demanda por métodos conjugados, embora varie na precedência atribuída a elementos pessoais, como vitimização, face a ambientais, como estrutura física,

salientando a adaptação de táticas às peculiaridades regionais. Ali, Jesus e Ramos (2020) indicam que, em políticas de segurança integrada, investimentos ambientais complementam patrulhamentos, criando sinergias que atenuam discrepâncias perceptivas em territórios desiguais.

A exame desses determinantes orienta a criação de diretrizes estatais que fomentem a proteção societária, com Cardoso et al. (2013) destacando que o entendimento das visões populacionais habilita as polícias militares a conceber táticas congruentes com necessidades territoriais. Santos e Júnior (2024) reiteram que a articulação polícia-sociedade, via esquemas colaborativos, pode abrandar o medo do crime e solidificar a credibilidade organizacional. Na execução de segurança pública, essa articulação beneficia-se de mecanismos de feedback contínuo, ajustando operações para maximizar adesão comunitária.

Os fatores individuais e contextuais na percepção de segurança interagem para moldar respostas afetivas e comportamentais à criminalidade, onde vitimização e desordem urbana amplificam inseguranças que comprometem a coesão social. Na prática da segurança pública, esses elementos demandam políticas que integrem correções ambientais com suporte personalizado, alinhando repressão à teoria das janelas quebradas para prevenir escaladas e restaurar confiança institucional em contextos vulneráveis.

3 METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem quantitativa, com caráter exploratório, visando analisar a sensação de segurança e o medo do crime da população de Cidade Ocidental-Goiás. A metodologia utiliza questionários estruturados para coletar dados, com análise estatística descritiva e correlações, permitindo identificar fatores que influenciam essas percepções e sua relação com a vitimização.

A metodologia adota uma abordagem quantitativa, que viabiliza a mensuração de variáveis perceptivas e a análise estatística para identificar padrões em fenômenos sociais como a sensação de segurança (Gil, 2008), com coleta de dados por meio de questionários estruturados distribuídos via WhatsApp, utilizando o Google Forms, com apoio da associação local de moradores. A amostragem visa alcançar pelo menos 100 respostas, abrangendo diferentes faixas etárias, gêneros e grupos sociais, para evitar viés e garantir representatividade. A população-alvo compreende adultos residentes no município, e a amostra será diversificada para refletir a composição demográfica local.

Os dados serão analisados por meio de estatísticas descritivas e correlações, interpretados à luz da literatura sobre segurança pública.

Os questionários utilizarão escalas padronizadas para mensurar a sensação de segurança (e.g., escala de 1 a 4, de muito inseguro a muito seguro), o medo do crime (e.g., frequência de preocupação com tipos de crimes) e a vitimização (e.g., experiência prévia de crimes). As perguntas também abordarão fatores demográficos (idade, gênero) e contextuais (condições do bairro), além de percepções sobre ações policiais.

A análise dos dados envolverá estatísticas descritivas para quantificar os níveis de sensação de segurança, medo do crime e vitimização, utilizando tabelas. Correlações serão aplicadas para examinar as relações entre vitimização, fatores demográficos e percepções de segurança, interpretadas à luz da literatura sobre segurança pública. Os resultados serão apresentados de forma agregada, permitindo identificar padrões e embasar políticas públicas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

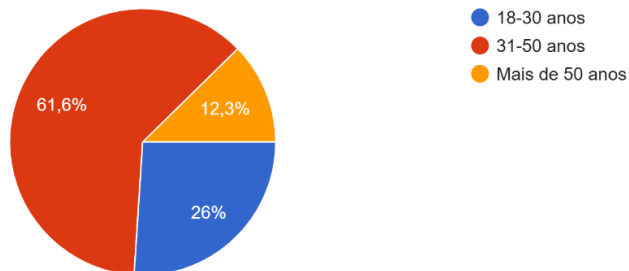
Os resultados decorrem da análise de questionários semiestruturados aplicados a 73 participantes que concordaram em participar voluntariamente da pesquisa através do termo de consentimento, selecionados por amostragem não probabilística entre residentes de Cidade Ocidental, Goiás, embora a metodologia projetasse coletar pelo menos 100 respostas para maior abrangência representativa, o que não se concretizou em razão de restrições como dificuldades de difusão via associações locais e limitações temporais na aplicação online, gerando uma amostra que, apesar de variada em atributos demográficos, captura uma fração limitada da população municipal.

Os resultados apresentam perfil demográfico com predominância de faixa etária 31-50 anos (61,64%), gênero feminino (63,01%) e residência em bairros residenciais (80,82%), manifestando equilíbrio demográfico que orienta análise de percepções.

Gráfico 1: Faixa Etária

1. Qual é sua faixa etária?

73 respostas

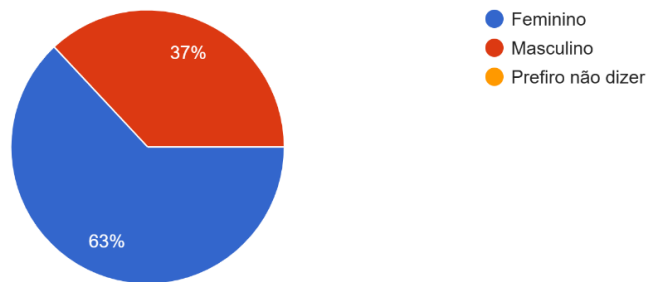


Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

Gráfico 2: Gênero

2. Qual é seu gênero?

73 respostas

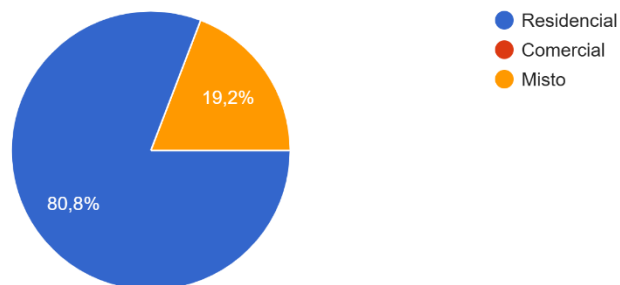


Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

Gráfico 3: Tipo de Bairro

3. Em que tipo de bairro você reside?

73 respostas



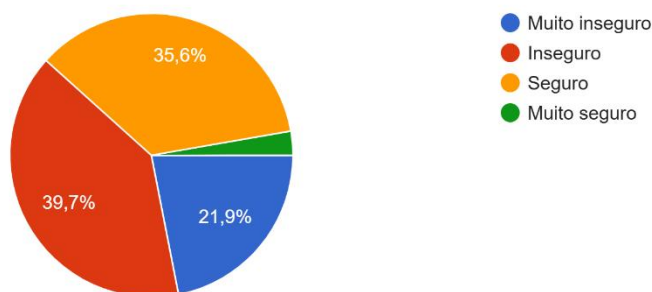
Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

Cardoso et al. (2013) investigam condicionantes individuais na sensação de segurança por meio de variáveis demográficas, o que os dados corroboram para delinear padrões etários e de gênero com correlações que vinculem faixa etária a maior exposição perceptiva em grupos femininos, onde mulheres representam 63,01% da amostra e exibem proporções elevadas de insegurança em comparações transversais, enquanto Silva e Beato Filho (2013) ponderam contextos de bairro como determinantes, sugerindo fusões de residência a vulnerabilidades urbanas para otimizar patrulhamentos por análises que integrem demografia a ecologia social em cenários metropolitanos, com bairros residenciais predominando e associando-se a relatos de evitação espacial em 91,78% dos casos.

Gráfico 4: Sensação de Segurança em Cidade Ocidental

4. Como você avalia sua sensação de segurança em Cidade Ocidental?

73 respostas

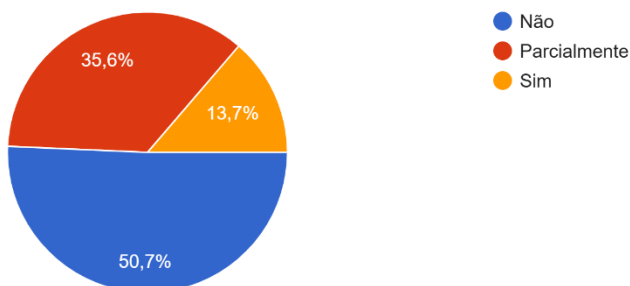


Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

Gráfico 5: Seguro ao Andar no Bairro à Noite

5. Você se sente seguro ao andar em seu bairro à noite?

73 respostas

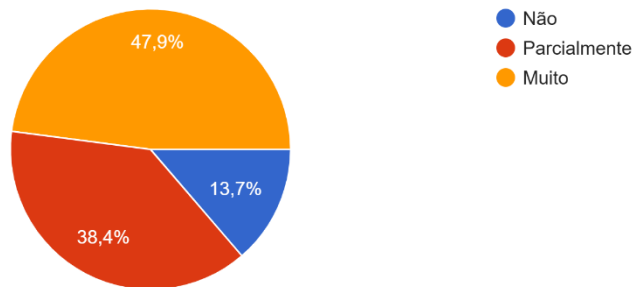


Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

Gráfico 6: Presença Policial Aumenta Sensação de Segurança

6. A presença policial em seu bairro aumenta sua sensação de segurança?

73 respostas



Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

Dentre os participantes, 39,73% avaliam sensação de segurança como inseguro, com 49,32% parcialmente seguros ao andar à noite e 47,95% considerando presença policial muito aumentadora de segurança, indicando correlações onde insegurança relaciona-se a menor ostensividade, com mulheres manifestando 45,65% de insegurança contra 29,63% dos homens e 63,04% delas evitando deslocamentos noturnos contra 33,33% deles.

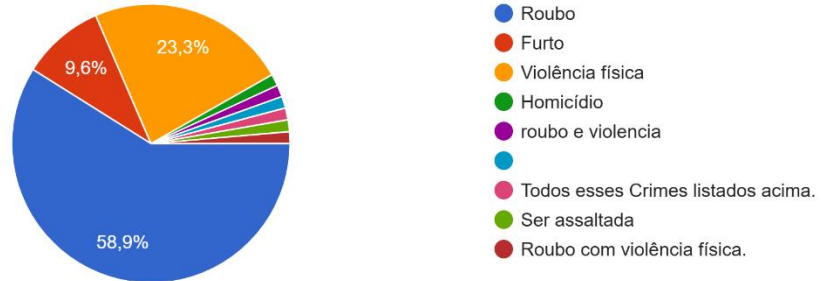
Natal e Oliveira (2021) examinam preditores do medo do crime por meio de variáveis perceptivas, o que os achados corroboram para evidenciar insegurança noturna com correlações que associem presença policial a atenuação de receios, onde 47,95% dos respondentes atribuem efeito elevado à ostensividade, com variações por gênero em que mulheres reportam menor sensação de proteção noturna, enquanto Costa e Durante (2019) analisam contextos metropolitanos como o Distrito Federal, sugerindo adaptações operacionais que vinculem visibilidade ostensiva a redução de insegurança em análises que integrem avaliações perceptivas a alocação de recursos na PMGO, com faixas etárias mais jovens (18-30 anos) exibindo 63,16% de segurança geral contra 26,67% nos grupos de 31-50 anos.

Dentre os participantes, 60,27% temem roubo, com 50,68% afetados parcialmente na rotina e 91,78% evitando locais, demonstrando correlações onde temor por roubo relaciona-se a evitação espacial, com mulheres expressando 52,17% de afetação parcial na rotina contra 48,15% dos homens e 95,65% delas evitando áreas contra 85,19% deles.

Gráfico 7: Crime Mais Temido

7. Qual crime você mais teme em Cidade Ocidental?

73 respostas

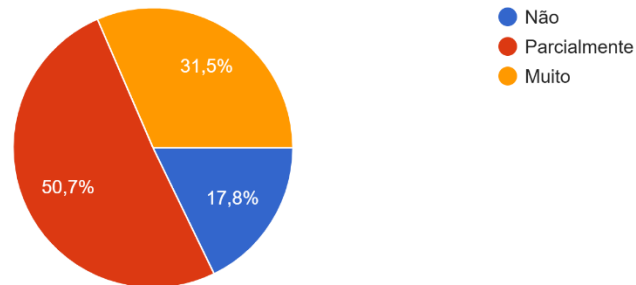


Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

Gráfico 8: Medo do Crime Afeta Rotina Diária

8. O medo do crime afeta sua rotina diária (e.g., evitar sair à noite)?

73 respostas

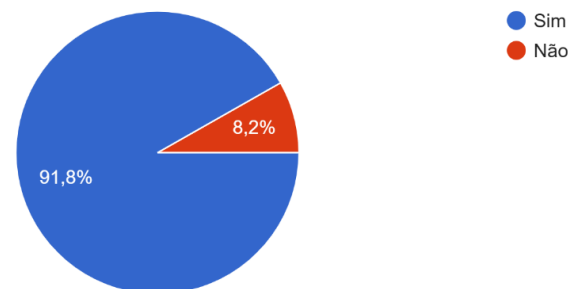


Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

Gráfico 9: Evita Certos Locais Devido ao Medo

9. Você evita certos locais devido ao medo do crime?

73 respostas

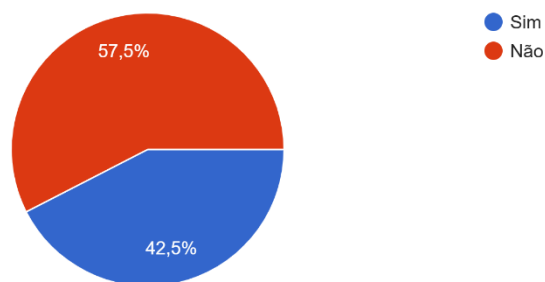


Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

Zaluar (2019) examina influências midiáticas no medo do crime por meio de narrativas coletivas, o que os dados corroboram para destacar temor por roubo com correlações que associem afetação rotineira a estratégias preventivas, onde violência física emerge como receio em 32,61% das mulheres contra 11,11% dos homens, enquanto Oliveira et al. (2018) ponderam degradação urbana como geradora de receios, sugerindo intervenções intersetoriais que vinculem evitação a mapeamentos georreferenciados para otimizar ordem pública em análises que integrem comportamentos a dinâmicas socioambientais, com grupos de 31-50 anos reportando 52,17% de afetação parcial contra 47,37% nos mais jovens.

Gráfico 10: Já Foi Vítima de Crime

10. Você já foi vítima de crime em Cidade Ocidental?
73 respostas



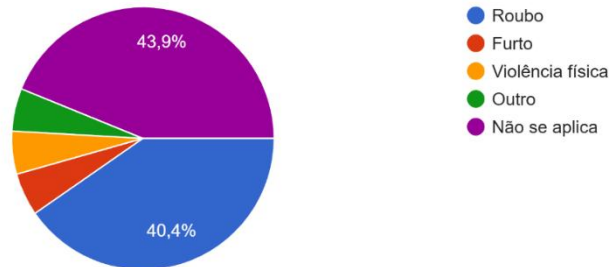
Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

Dentre os participantes, 42,47% declaram vitimização, principalmente por roubo (32,88%), com 38,36% de acréscimo parcial no temor, demonstrando correlações onde histórico de roubo relaciona-se a maior evitação espacial, com 43,48% das mulheres vítimas contra 40,74% dos homens e 48,89% no grupo de 31-50 anos contra 31,58% nos 18-30 anos.

Gráfico 11: Tipo de Crime

11. Caso sim, qual tipo de crime?

57 respostas

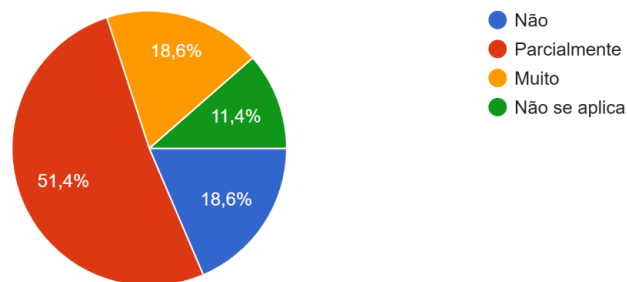


Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

Gráfico 12: Vitimização Aumentou o Medo do Crime

12. A vitimização aumentou seu medo do crime?

70 respostas



Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

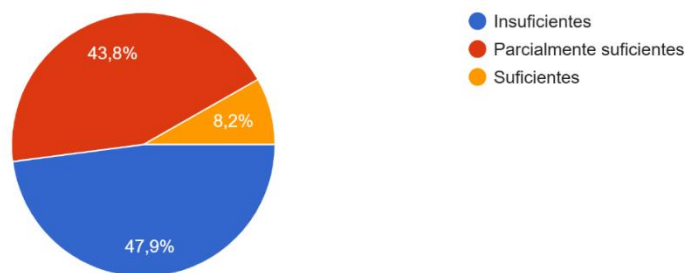
Natal e Oliveira (2021) investigam fatores que amplificam receios pós-vitimização por meio de ecologias emocionais, o que os achados corroboram para instituir protocolos de atendimento subsequente na PMGO que interrompam padrões de desconfiança com correlações vinculando tipos delitivos a suporte psicológico, onde vítimas reportam 45,16% de aumento parcial no medo e 41,94% de aumento muito, enquanto Cardoso et al. (2013) ponderam que roubos desgastam legitimidade ao erodir confiança em estruturas estatais, sugerindo fusões de lavratura de ocorrências à dissuasão secundária para fortalecer resiliência por análises que integrem impactos afetivos a ciclos de reincidência perceptiva em cenários de persecução penal inicial, com diferenças etárias em que 48,89% do grupo intermediário declaram vitimização.

Dentre os participantes, 38,36% julgam ações policiais insuficientes, com 37,50% favoráveis a mais rondas ostensivas e 57,14% propensos ao envolvimento societário, indicando correlações onde insuficiência relaciona-se a preferências por rondas, com 41,30% das mulheres considerando insuficientes contra 33,33% dos homens e 58,33% delas dispostas a participar contra 55,00% deles.

Gráfico 13: Ações Policiais São Suficientes

13. As ações policiais (e.g., rondas, programas comunitários) são suficientes?

73 respostas

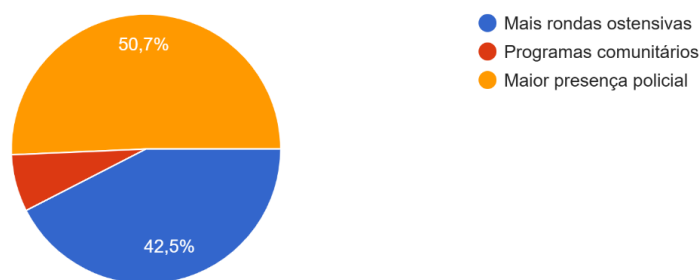


Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

Gráfico 14: Medida Policial que Melhoraria Sensação de Segurança

14. Qual medida policial melhoraria sua sensação de segurança?

73 respostas

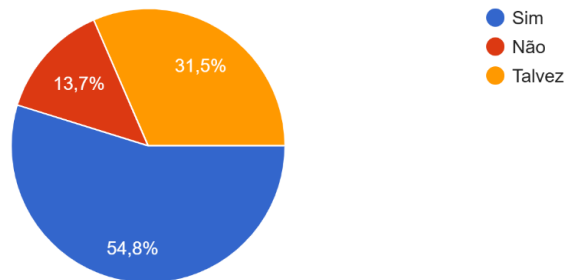


Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

Gráfico 15: Participaria de Iniciativas Comunitárias com PMGO

15. Você participaria de iniciativas comunitárias com a PMGO?

73 respostas



Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

Aquino e Jesus (2024) avaliam o contributo policial na visão de amparo por meio de integrações comunitárias, onde deficiências demandam expansão de visibilidade com correlações que vinculem suficiência percebida a métricas operacionais para otimizar alocações, com 44,44% do grupo de 31-50 anos julgando insuficiente, enquanto Saboia e Costa (2024) preconizam quantificação para arranjo tático, alinhando-se aos achados que denotam viabilidade de foros de defesa para consolidar validade institucional na PMGO por análises que integrem preferências a engajamento societário em contextos de ordem pública, com variações por idade em que 63,16% dos jovens optam por participação contra 22,22% dos idosos.

Os resultados do exame da sensação de segurança e do medo do crime em Cidade Ocidental demonstra insegurança dominante atrelada a roubos e vitimização com correlações que evidenciam interferências rotineiras e evitação espacial, conforme objetivos de identificar níveis perceptivos, avaliar ligações com histórico delitivo e examinar determinantes demográficos e ambientais, revelando que a problemática de fatores influenciadores e relações com experiências criminais aponta para refinamentos táticos na PMGO que promovam estratégias conjugadas de ostensividade e integração comunitária para mitigar receios e robustecer confiança no Estado Democrático de Direito.

5 CONCLUSÃO

A investigação evidenciou que a sensação de segurança e o medo do crime na população de Cidade Ocidental-Goiás são marcados por variações expressivas, influenciadas por fatores sociodemográficos, experiências prévias de vitimização e condições locais. Destacou-se que mulheres e faixas etárias intermediárias apresentam maiores níveis de insegurança e medo, o que se traduz em restrições comportamentais como a evitação de circulação noturna e determinados espaços públicos. A presença ostensiva da Polícia Militar mostrou-se fator relevante para o aumento da sensação de segurança, ainda que exista percepção de insuficiência nas ações policiais, apontando para demandas por políticas mais articuladas entre polícia e comunidade.

Os dados corroboram o entendimento teórico sobre a complexidade dessas percepções, evidenciando que o medo do crime vai além da incidência real, envolvendo dimensões emocionais, sociais e espaço-ambientais. As relações entre vitimização e medo reforçam a importância de mecanismos institucionais que atendam às vítimas não apenas com repressão, mas também com políticas de suporte psicológico e prevenção secundária, visando minimizar impactos negativos sobre a confiança no sistema de segurança.

Ademais, o estudo indica que, para mitigar o medo e fortalecer a sensação de segurança, as estratégias adotadas pela Polícia Militar devem incorporar, além da ação repressiva e ostensiva, ações comunitárias, programas educativos e uso de tecnologias como o mapeamento georreferenciado, adaptados à realidade local. Essa integração poderá favorecer a legitimidade institucional e a cooperação da comunidade, essenciais para o sucesso duradouro das políticas de segurança pública.

Diante disso, recomenda-se o aprimoramento contínuo das práticas policiais em Cidade Ocidental, com enfoque na atenção às diversidades sociodemográficas, ampliação da comunicação institucional, e articulação intersetorial para a requalificação urbana, de modo a promover ambientes seguros que contribuam para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos.

REFERÊNCIAS

ALI, Pamella Cosme; JESUS, Luciana Aparecida Netto de; RAMOS, Larissa Letícia Andara. Espaços livres de uso público no contexto da segurança urbana. **Ambiente Construído**, v. 20, p. 67-86, 2020.

AQUINO, Adley Lucas de; JESUS, Everton Fernando Cavalcante de. **O papel da polícia militar na sensação de segurança.** Trabalho de Conclusão de Curso da Pós-Graduação em Polícia e Segurança Pública pelo Comando da Academia de Polícia Militar de Goiás, 2024.

BITTNER, Egon. **Aspectos do trabalho policial.** 2.ed. Edusp: São Paulo, 2003.

CARDOSO, Gabriela Ribeiro et al. Percepções sobre a sensação de segurança entre os brasileiros: investigação sobre condicionantes individuais. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, v. 7, n. 2, p. 144-161, 2013.

COSTA, A.T.M, DURANTE, M. Polícia e o Medo do crime no Distrito Federal. **DADOS**, Rio de Janeiro v.62, n.1, p.1-31, 2019.

DANTAS, George Felipe De Lima; PERSIJN, Annik; JÚNIOR, Álvaro Pereira Da Silva. O medo do crime. **O alferes**, v. 22, n. 62, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUEDES, Inês Maria Ermida. **Sentimento de Insegurança, Personalidade e Emoções Disposicionais: Que Relações?.** 2012. Tese de Doutorado. Universidade do Porto (Portugal).

CARDOSO, Gabriela Ribeiro et al. Percepções sobre a sensação de segurança entre os brasileiros: investigação sobre condicionantes individuais. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, v. 7, n. 2, p. 144-161, 2013.

KELLING, George L.; WILSON, James Q. **Janelas quebradas:** a polícia e a segurança do bairro. 1982. Disponível em: https://media4.manhattan-institute.org/pdf/_atlantic_monthly-broken_windows.pdf Acesso em: 15 ago 2025.

MACHADO, Bruno Amaral; PORTO, Maria Stela Grossi. Homicídio na área metropolitana de Brasília: representações sociais dos delegados de polícia, promotores de justiça e magistrados. **Sociologias**, v. 17, n. 40, p. 294-325, 2015.

NATAL, A; OLIVEIRA, A.R. Medo do crime: mensurando o fenômeno e explorando seus preditores na cidade de São Paulo. **OPINIÃO PÚBLICA**, Campinas, vol. 27, nº 3, set.-dez., p. 757-796, 2021.

OLIVEIRA, Messias Fernandes et al. Direitos humanos, segurança pública e a produção do medo na contemporaneidade. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, v. 10, n. 25, p. 118-140, 2018.

PEREIRA, Allyson Antonio; COSTA, Leon Denis da. **A Percepção Da Sensação De Segurança Pública No Município De Goianira.** Trabalho de Conclusão de Curso da Pós-Graduação em Polícia e Segurança Pública pelo Comando da Academia de Polícia Militar de Goiás, 2023.

SABOIA, Kalil de Alcantara; COSTA, Leon Denis da. **Estudo de metodologias de mensuração da sensação de segurança para gestão operacional do policiamento ostensivo.** Trabalho de

Conclusão de Curso da Pós-Graduação em Polícia e Segurança Pública pelo Comando da Academia de Polícia Militar de Goiás, 2024.

SANTOS, Eliel Rodrigues dos; JUNIOR, Melquisedeque da Costa. **Análise Da Sensação De Segurança Da População Do Bairro Morada Do Sol Em Goiânia/Go**. Trabalho de Conclusão de Curso da Pós-Graduação em Polícia e Segurança Pública pelo Comando da Academia de Polícia Militar de Goiás, 2024.

SILVA, B. F. A. D.; BEATO FILHO, C. C. Ecologia social do medo: avaliando a associação entre contexto de bairro e medo de crime. **Revista Brasileira de Estudos de População**, vol. 30, p. S155-S170, 2013.

ZALUAR, Alba. Os medos na política de segurança pública. **Estudos Avançados**, v. 33, p. 5-22, 2019.

APÊNDICE A

Prezado(a) participante,

Você é convidado(a) a participar da pesquisa "A Sensação de Segurança e Medo do Crime da População de Cidade Ocidental-Goiás", conduzida por Victor Phillip Holanda Jordão, no âmbito do Comando da Academia de Polícia Militar - CAPM. O estudo analisa as percepções de segurança e medo do crime no município. Sua participação envolve responder um questionário online com 15 perguntas (10-15 minutos). Não há riscos diretos, e os benefícios incluem melhorias na segurança pública. A participação é voluntária, com anonimato e confidencialidade garantidos.

Concordo em participar

Não concordo

1. Qual é sua faixa etária?

18-30 anos

31-50 anos

Mais de 50 anos

2. Qual é seu gênero?

Feminino

Masculino

Outro

3. Em que tipo de bairro você reside?

Residencial

Comercial

Misto

4. Como você avalia sua sensação de segurança em Cidade Ocidental?

Muito inseguro

Inseguro

Seguro

Muito seguro

5. Você se sente seguro ao andar em seu bairro à noite?
- Não
 - Parcialmente
 - Sim
6. A presença policial em seu bairro aumenta sua sensação de segurança?
- Não
 - Parcialmente
 - Muito
7. Qual crime você mais teme em Cidade Ocidental?
- Roubo
 - Furto
 - Violência física
 - Outro
8. O medo do crime afeta sua rotina diária (e.g., evitar sair à noite)?
- Não
 - Parcialmente
 - Muito
9. Você evita certos locais devido ao medo do crime?
- Sim
 - Não
10. Você já foi vítima de crime em Cidade Ocidental?
- Sim
 - Não
11. Caso sim, qual tipo de crime?
- Roubo
 - Furto
 - Violência física
 - Outro
 - Não se aplica
12. A vitimização aumentou seu medo do crime?
- Não

Parcialmente

Muito

Não se aplica

13. As ações policiais (e.g., rondas, programas comunitários) são suficientes?

Insuficientes

Parcialmente suficientes

Suficientes

14. Qual medida policial melhoraria sua sensação de segurança?

Mais rondas ostensivas

Programas comunitários

Maior presença policial

15. Você participaria de iniciativas comunitárias com a PMGO?

Sim

Não

Talvez